

CONCEIÇÃO EVARISTO E MEL DUARTE: ESCRITAS DE RESISTÊNCIA

CONCEIÇÃO EVARISTO AND MEL DUARTE:
WRITINGS OF RESISTANCE

Beatriz Honorato Meira

Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande
Dourados.

Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso
do Sul.

ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0005-9108-8152>

Alexandra Santos Pinheiro

Doutora Universidade Estadual de Campinas.

Professora Titular da Universidade Federal da Grande
Dourados.

E-mail: alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4119-4740>

Geovana Quinalha de Oliveira

Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Professora Associada da UFMS.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3538-9362>

RESUMO: Neste artigo fomentamos reflexões acerca do corpo feminino negro, em especial a sexualidade e a maternidade, por intermédio da crítica feminista e da literatura afro-brasileira. Propomos um diálogo interseccional entre duas obras de mulheres negras brasileiras: o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, que integra a obra *Olhos d’água* (2015), de Conceição Evaristo, e o poema “Negra nua crua”, de Mel Duarte, do livro *Colmeia, poemas reunidos* (2021). A análise parte da hipótese de que as escritas analisadas apresentam em comum a resistência e a escrevivência na proposta de enfrentamento à opressão de gênero, raça e economia por meio dos feminismos plurais.

PALAVRAS- CHAVE: Crítica feminista; Literatura Afro-brasileira; Mulher negra; Interseccionalidade.

ABSTRACT: In this article, we encourage reflections on the black female body, especially sexuality and motherhood, through feminist criticism and Afro-Brazilian literature. We propose an intersectional dialogue between two works by black Brazilian women: the short story “Quantos filhos Natalina teve?”, which is part of the work *Olhos d’água* (2015), by Conceição Evaristo, and the poem “Negra nua crua”, by Mel Duarte, from the book *Colmeia, poemas reunidos* (2021). The analysis is based on the hypothesis that the analyzed writings have in common resistance and writing in the proposal to confront gender, race and economic oppression through plural feminisms.

KEYWORDS: Feminist criticism; Afro-Brazilian literature; Black woman; Intersectionality.

1. Considerações Iniciais

A literatura afro-brasileira possibilita que histórias apagadas/rasuradas sejam resgatadas, que caminhos interrompidos por

quem veio antes de nós sejam retomados, transcritos e propague vivências e memórias para quem virá. A autoria negra foi e ainda é cerceada pelo racismo estrutural cujos efeitos podem ser sentidos, por exemplo, nas poucas oportunidades e incentivos para se escrever e publicar textos, como também na validação da própria escrita pelo público. Isto porque o racismo atua no imaginário da sociedade brasileira de forma tão cruel a ponto de forjar a ilegítima ideia de que as pessoas negras não dispõem de competências para desenvolverem trabalhos intelectuais a exemplo da literatura, da filosofia e outras ciências. Neste sentido, a escrita literária afro-brasileira se relaciona a aspectos da sociedade brasileira, na qual a existência de escritores e escritoras negras permaneceu inimaginável em por décadas na história do Brasil. Sobre esta construção/reprodução perversa do imaginário e da memória social do país, Conceição Evaristo afirma, em entrevista concedida ao *Brasil de Fato*, que no imaginário do brasileiro existem algumas competências próprias para o sujeito negro. Acredita-se, por exemplo, [...] que ele saiba dançar, cantar, e principalmente no caso das mulheres, cozinhar. Mas as competências intelectuais, principalmente as literárias, não”¹.

De fato, as identidades culturais, as epistemologias, as cosmovisões e as habilidades dos que sofreram a forçada diáspora africana foram rechaçadas e anuladas em prol de uma conformidade padronizada e supostamente civilizatória advinda da dominação dos colonizadores e perpetuada pelos brancos ao longo da história do Brasil até os dias atuais. Contudo, esses mesmos corpos

¹ Entrevista concedida ao jornal *Brasil de fato*, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-o-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>

violados se reinventam, persistem e atravessam gerações na oralidade ancestral e na escrevivência ou "escrever e vivência", conforme elucida a criadora do conceito, Conceição Evaristo (1996). Trata-se de um exercício de escrita que fala a partir da subjetividade de quem escreve e viveu as experiências, as dores, as alegrias narradas, mas a partir de uma perspectiva que se integra ao coletivo. No caso do que propõe Evaristo, o coletivo é constituído pelos corpos afro-brasileiros. A escrevivência seria, portanto, uma escrita individual que se expande para a coletividade em uma rede de afetos (EVARISTO, 1996).

Em recente coletânea organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, Conceição Evaristo retomou o debate em torno do conceito. Dentre os pontos destacados nas reflexões da autora está o fato de que a sua produção conta com poucos personagens brancos porque, no geral, eles já "estão sempre representados, construídos nos lugares, nos espaços de poder" (2020, p. 27). Desta maneira, a ênfase em sua escrita está em centralizar e reforçar a humanidade de personagens negras: seus sonhos, anseios, suas formas de resistir e de reconstruir seus lugares na história e na memória, "[...] construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito" (EVARISTO, 2020, p. 31). No mesmo capítulo, a escritora esclarece que a

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem

a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Por esta perspectiva de reflexão da escrevivência na feitura e no tecer do literário, nosso intuito é debater como são construídas as representações acerca das mulheres afrodescendentes por intermédio da análise do conto "Quantos filhos Natalina teve?", que integra o livro *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo e o poema "Negra nua crua", de Mel Duarte, do livro *Colmeia, poemas reunidos* (2020). Ao por em diálogo tais produções literárias, queremos averiguar o modo como essas vozes femininas denunciam, de um lado, as violências e as opressões sofridas pelas mulheres negras, e, de outro, a maneira como elas ressignificam positivamente a negritude. Ademais, nosso objetivo é analisar os textos literários com destaque para a representação da maternidade, da sexualidade e dos estereótipos da mulher negra propagados na sociedade e no próprio cânone literário.

As duas escritoras negras são marcadas por temporalidade e geografia diferentes, já que Conceição Evaristo nasce em Belo Horizonte, em 1946, e Mel Duarte em São Paulo, 42 anos depois. Ambas têm em comum escritas marcadas por perspectivas de mundo no qual a mulher negra se faz protagonista da sua própria narrativa, no exercício da liberdade sexual e empoderamento, mas sem esquecer as dores, a solidão, as opressões e as violências às quais muitas vezes são submetidas. Estes dois eixos de forças constituem as tessituras das escritas de

Conceição e Mel Duarte. É preciso destacar, ainda, que os textos literários tomados aqui como objetos de análise, se entrelaçam no olhar contemporâneo de quem rememora, mas também se atém ao presente. Neste caso, o retorno ao passado se traduz em um ato político porque traz para o presente o não-dito, ou seja, o que foi eclipsado e marginalizado pela história oficial e pelo próprio cânone literário dentro das relações de poder e dominação. As normalizações e padrões impostos pelo etnocentrismo e, por extensão, o rechaço à diferença, colocou, e ainda coloca, as pessoas negras em condições de vulnerabilidades em que a morte é autorizada pela necropolítica, um projeto politicamente estrutural de subjugação da vida negra ao poder da morte (MBEMBE, 2018).

Os projetos estéticos e políticos que atravessam os textos de Evaristo e de Duarte carregam as marcas da escrevivência. Elas falam de si, mas também remetem aos seus pares, às mulheres, aos homens, às crianças negras, fazendo com que o/a interlocutor/a se atente à identidade da pessoa negra, suas histórias e encontros a partir de suas textualidades literárias, tanto na poesia como na narrativa. A nosso ver, Conceição e Mel Duarte concebem a literatura como um lugar de resignificação porque, dentre outros fatores, possibilita da coletividade e do afeto. Ao falar sobre seu álbum *Mormaço: entre outras formas de calor*, Mel Duarte, que também é cantora, compositora e produtora cultural, em entrevista ao site NÃOMEKAHLO², declara que a escrita literária e outras produções culturais como a música, são lugares políticos de resistência que enfrentam ideais colonizadores

e discursos hegemônicos cujas narrativas desconsideram as cosmovisões e as afetividades das mulheres negras:

[...] principalmente se tratando de uma mulher negra, porque eu também cresci lendo mulheres brancas falando sobre afeto e muitas vezes não me enxergava ali. “Mormaço” veio justamente pela minha necessidade de falar sobre amor. Sinto que a gente vai se desapegando das coisas simples e sutis que fazem a diferença. Minha intenção é propor uma pausa no meio do caos para as pessoas se deixarem levar, lembrarem que o afeto é importante e que precisamos muito levantar essa bandeira para enfrentar a realidade dos dias que estamos vivendo. Eu acredito tanto que o amor é um ato político que fiz um disco pra lembrar as pessoas e a mim mesma disso. (Entrevista disponibilizada em <https://naomekahlo.com/nao-crescemos-incentivadas-a-ocupar-espacos-e-o-slam-e-um-lugar-para-reverberar-a-voz-que-tentam-calar-diz-mel-duarte/> acesso em 7 de agosto de 2023).

“Lembrar as pessoas” e a ela mesma é o que também faz Conceição Evaristo: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência [...]”³. O espaço político da academia está em olhar para esta literatura, resultado de escrevivências, e demarcar nelas os aspectos estéticos que conduzem a técnica de escrita de escritoras empenhadas em tornar visível os corpos que racismo cotidiano busca esconder. As palavras em Duarte e em Evaristo

² Entrevista disponibilizada em <https://naomekahlo.com/nao-crescemos-incentivadas-a-ocupar-espacos-e-o-slam-e-um-lugar-para-reverberar-a-voz-que-tentam-calar-diz-mel-duarte/> acesso em 7 de agosto de 2023.

³ Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

são tecidas a partir de memórias coletivas que se juntam às suas próprias subjetividades e experiências para reverenciar as batalhas de seus/suas ancestrais e para despertar a consciência da sociedade atual, não apenas da comunidade negra, mas de todas as pessoas em relação às batalhas que ainda se fazem urgentes.

Dentre as urgências está a necessidade de combater o apagamento de identidades, que acontece todos os dias, por exemplo, em relação às pessoas negras, particularmente às mulheres negras. Os discursos e as práticas que promovem o apagamento identitário do sujeito conduzem à passividade da sua expressão e, conseqüentemente, o ato de empoderar-se é usurpado pelas variadas ideologias nas formações discursivas adotadas, bem como uma nova configuração do colonizar. Assim, o discurso pode ser considerado uma ferramenta usada para o silenciamento ou empoderamento, isto porque, como nos ensina Chimamanda Adiche “[...] as histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (2019, p. 32). No caso da literatura produzida por Mel Duarte e por Conceição Evaristo, os aspectos estéticos, associados a aspectos políticos, próprios de seus discursos, possibilitam tornar visíveis esses apagamentos e inspirar resistências reparando a dignidade despedaçada mencionada por Chimamanda. Para pensar tais questões propomos, para o próximo tópico, um diálogo com a crítica feminista e o conceito de interseccionalidade cuja perspectiva de análise nos dá a possibilidade de debater experiências de apagamento e de opressão que incluem as condições estruturais que cruzam os corpos das mulheres negras.

2. A interseccionalidade e as possibilidades outras de (re)pensar as diferenças e a opressões perpetradas contra as mulheres negras

Em 1989, a professora e ativista norte americana Kimberlé Crenshaw, formulou o conceito de interseccionalidade. Crenshaw desejava que os estudos sociais e feministas vissem as opressões sofridas pelas mulheres negras não apenas pela perspectiva do gênero, como também pela racial. O conceito se expandiu, agregando a questão econômica e o olhar não apenas à mulher negra, mas a todos os indivíduos e às diversas e múltiplas relações de subordinações a eles estabelecidas a depender das categorias que os compõe. Por este viés, as questões de gênero podem - e devem - ser tratadas de forma mais abrangente considerando outros marcadores sociais, tais como raça, etnia, lugar, sexualidade, economia e religiosidade. Este entrecruzamento permite que enxerguemos, como alerta Crenshaw (2002), a colisão de diversas estruturas, a interação simultânea e dinâmica das avenidas identitárias e outros vetores de discriminação, violência e opressão que atravessam os corpos das mulheres negras. Nas palavras da autora,

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação (Crenshaw, 2002, p. 174).

Todos estes sistemas multidimensionais atuam, como explica Crenshaw (2002), enquanto pano de fundo (estrutural) e, por esta razão é, muitas vezes, invisível. As conseqüências disso é que somente o aspecto

mais imediato da discriminação é percebido, de modo que a estrutura que insere as mulheres negras na posição/no lugar de tal subordinação permanece obscurecida/oculta.

As problematizações apontadas por Crenshaw são centrais para entender como as identidades sociais e as desigualdades não podem ser analisadas isoladamente, pois elas se interconectam de maneiras complexas, há camadas de subordinações entre os sujeitos construídas no interior dos discursos e das relações de poder que sustentam a estrutura política, cultural e econômica de uma sociedade. A metodologia interseccional contribui para identificar os mecanismos que edificam as diversas opressões que o próprio feminismo e o movimento negro - em seus primórdios - não souberam identificar e, neste sentido, é também uma ferramenta analítica que reforça a luta contra as necropolíticas. O posicionamento interseccional amplia nossa visão em relação à opressão que o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado ocasionam às mulheres negras e, dessa forma, é um aliado na luta por melhores condições de vida e por políticas públicas mais eficazes no enfrentamento à violência estruturalmente projetada desde a colonização brasileira e da diáspora africana até os dias de hoje.

Nesta direção, Carla Akotirene (2019) afirma que além da contribuição epistêmica, a interseccionalidade apresenta uma dimensão prática, política e de justiça que depende da vida garantida agora: na sociedade civil, nos pleitos políticos e frente ao Estado Democrático de direito. Contudo, quando se analisa as realidades nas quais as mulheres negras estão inseridas, é notória a pouca representatividade nos espaços de tomadas de decisões e, em alguns casos, a total ausência destas mulheres em diversos setores no contexto político-social.

Ao problematizar as vozes silenciadas pelo racismo estrutural, Grada Kilomba (2019) rememora a imagem da escrava Anastácia representada com uma máscara que a impossibilita de falar e ser ouvida, e chama a atenção para as razões que guiam o sujeito branco e o projeto de colonialidade a silenciar homens e mulheres negros e negras. A máscara como metáfora suscita muitas questões levantas pela autora: “Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia dizer o sujeito negro se sua boca não fosse selada? E o que o sujeito branco deveria ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. (2020, p. 20). Se a máscara fosse retirada de Anastácia o que escutaria os que integram o projeto racista, colonial e a branquitude? Grada Kilomba responde:

Ele/ela seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos “Outros”. Verdades que foram negadas, reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase “quieto na medida em que é forçado a”. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (Kilomba, 2020, p. 20).

A máscara de Anastácia denuncia que o racismo, a colonialidade e o patriarcado não são fatos a serem tratados isoladamente; são uma realidade intrínseca, desde sempre, à sociedade brasileira e devem ser lidos em sua dimensão coletiva. Sem citar o termo interseccionalidade, mas em alusão a essa posição crítica, Sueli Carneiro, acredita que dependendo do lugar e da condição em que estão inseridos, os sujeitos assumem “diversos olhares que desencadeiam processos

particulares subjacentes na luta de cada grupo” (2003, p. 119). Isso ocorre, por exemplo, entre as mulheres pobres, negras, indígenas e imigrantes que estão na base da pirâmide social. Esses grupos de mulheres “possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas [apenas] sob a rubrica da questão de gênero se ela não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher” nos diferentes casos (2003, p. 119).

Todos esses atravessamentos sociais sob esse corpo racializado podem ser lidos no fazer literário de muitas mulheres negras, além de possuir um sentido estético, a literatura de autoria feminina negra busca semantizar um movimento que abriga todas as suas opressões, lutas e ressignificações. É por esta razão que a escrita se torna um direito, assim como se torna o lugar da própria vida, como afirma Conceição (2014). Ao escreverem, “[...] o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do outro como objeto a ser descrito para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria e experimentada”. (Evaristo, 2014, p. 54). Mel Duarte reitera as palavras de Conceição, para a autora, é muito importante “[...] que nós, mulheres negras, não tenhamos medo de falar nossas coisas, de contar a nossa história, de trazer a tona o que a gente pensa. A gente já foi silenciada durante muito tempo e agora não dá mais para voltar atrás”⁴. Mel Duarte é categoria ao afirmar que: “o momento é esse, é o momento de fala e que a sociedade precisa aprender, de fato, escutar as coisas que estão sendo ditas”⁵.

Como se vê, as subjetividades das mulheres negras são tecidas no projeto intelectual e literário de Conceição Evaristo e

Mel Duarte. Ao romperem com estereótipos acerca desses corpos, suas escritas propõem, entre outras questões, o debate acerca da valorização do prazer feminino, como se verá mais detalhadamente no próximo tópico. Além do sujeito que deseja, há um ser intelectual que se impõe na consciência política dessa liberdade.

Os estudos levantados pela materialidade do discurso teorizam que a sexualidade está profundamente ligada à subjetividade de cada indivíduo. Estamos imersos em uma era tecnológica onde as identidades são diretamente e indiretamente afetadas por outros sujeitos. De acordo com Foucault, a sexualidade é um dos fatores formadores na compreensão da subjetividade, quando:

O sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural, inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder imanentes a tal discurso. (Foucault, 1980, p. 69).

Foucault explicita que a relação de poder é intrínseca em toda a sociedade, como uma prática social, e mesmo que haja o debate, há hierarquias que delimitam como o sujeito lida com o outro. Neste sentido, é relevante pontuar a essencialidade de compreender o nexo entre o sistema estrutural, ligado ao Estado, com as relações de poder que afetam o corpo feminino e a sexualidade.

Os processos de formação aos quais respaldam a liberdade de escolhas

⁴ Entrevista concedida ao “apoie a ponto”. Disponível em [https://ponte.org/mel-duarte-e-muito-importante-](https://ponte.org/mel-duarte-e-muito-importante-que-nos-mulheres-negras-nao-tenhamos-medo-de-contar-a-nossa-historia/)

[que-nos-mulheres-negras-nao-tenhamos-medo-de-contar-a-nossa-historia/](https://ponte.org/mel-duarte-e-muito-importante-que-nos-mulheres-negras-nao-tenhamos-medo-de-contar-a-nossa-historia/)

⁵ Idem

reprodutivas neste trabalho são refletidos nas possibilidades de combate à dominação patriarcal e o racismo, via linguagem discursiva, bem como na literatura, ao propor uma análise crítica diante da saúde reprodutiva desse corpo feminino, que é indissociável de sua condição social e racial.

Acerca da dominação perpetrada em relação aos corpos femininos, sua sexualidade e reprodução, Carole Pateman estabelece críticas em relação ao contrato social e sexual. Enquanto instrumentos de sujeição, o patriarcado historicamente se fundamenta na diferença política do que é liberdade e assujeitamento. Contrato Social no sentido propriamente dito ao machismo que se institucionaliza politicamente sobre a mulher e contrato sexual no “passe livre” que os homens parecem possuir aos corpos femininos, não por acaso

é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal –é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. (Pateman, 1993, p.16-17).

Neste processo histórico em que o discurso contratual impõe submissão às mulheres e liberdade aos homens, o machismo é introjetado também nesses corpos femininos que depreciam umas às outras, como por exemplo, a mãe de Natalina, protagonista da narrativa que iremos analisar a seguir. Ao visar os diversos modos de controle e impedimento para que mulheres exerçam sua sexualidade e

o aviltamento de suas vozes, a figura masculina possui o direito no exercício de seu livre arbítrio, ou seja, os seus atos são naturalizados e vistos socialmente sem julgamento algum, sabemos que as estruturas das relações patriarcais fazem parte de um sistema estratégico, no que diz respeito à origem do contrato original que “[...] cria a sociedade civil patriarcal em sua totalidade. Os homens passam de um lado para outro, entre a esfera privada e a pública, e o mandato da lei do direito sexual masculino rege os dois domínios” (Pateman, 1993, p. 29).

Em vista disso, há um “protocolo” ao qual a mulher “deve/deveria” seguir, acrítica. E o que dizer dos corpos racializados e empobrecidos? Dos corpos que sofrem com as múltiplas opressões e violências? *O corpus* analisado, nesta pesquisa, das duas gerações de autoras, desempenha o diálogo sobre o rompimento dessas imposições condicionadas no agir, ocupar e pensar, mas sem deixar de mencionar as dores de seus corpos.

3. Maternidade, sexualidade e performance em Conceição Evaristo e Mel Duarte

A escritura de Conceição Evaristo se constitui como parte de um movimento a favor da vida negra. Enquanto mulher preta, a escritora promove a política de reafirmar sua (re)existência e, por extensão, de todos os corpos negros, de maneira incisiva em cada palavra, explicitando o modo como a ficção problematiza a vida real ao articular seu ponto de vista crítico em cada colocação (con)textual. Antes de adentrar o conto, é válido citar que a autora nasceu e cresceu na periferia da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Seus estudos foram desenvolvidos paralelamente ao trabalho de empregada doméstica até concluir o curso Normal, no ano de 1971, contando com vinte e cinco anos. Em seguida, migrou para o

Rio de Janeiro, lugar onde se graduou em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede pública da cidade e na rede privada do ensino superior. Realizou mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e Doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. É militante ativa dos movimentos de resistência e valorização da cultura negra no Brasil, como atestam suas pesquisas, suas ficções e suas práticas ativistas. Suas primeiras publicações ficcionais foram em 1990, na série *Cadernos Negros*, organizada pelo grupo Quilombhoje.

De lá para cá, pode-se dizer que seu projeto intelectual para a literatura é construído a partir de uma voz potente cujos temas perpassam por questões voltadas para os corpos subalternizados, a exemplo do corpo feminino negro, lugar em que se encontram e se desenvolvem tensões em torno da discriminação racial, de gênero e de classe no Brasil. A estética textual de Conceição está intimamente relacionada a um trabalho est(ético) de um corpo que é individual, mas é também coletivo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. Nas palavras da própria autora, suas histórias “não foram feitas para ninar as crianças da casagrande, mas para acordar a senzala” (2007, p. 21). Assim, ao marcar seu lugar de fala na produção literária considerando a ancestralidade e a filiação das culturas e das diásporas africanas forçadas, a escritora faz da linguagem um lugar de luta, de resistência e, por extensão, de escrevivências. As memórias coletivas se juntam às suas próprias subjetividades e experiências para valorar a cultura e as histórias de seus ancestrais, mas também não deixar esquecer as histórias de sofrimento desde o período da escravidão no país.

Os desafios lançados pelas escrevivências de Conceição impõem reflexões

calcadas numa perspectiva histórica que considera, entre outros aspectos, o lugar social, simbólico e de gênero de cada grupo populacional. Pensar estrategicamente nas diferenças, pondo em xeque mitos como a democracia racial e a meritocracia é uma luta que deve ser assumida por toda a sociedade e por diferentes áreas do conhecimento, o que inclui a literatura brasileira. Por essa razão é bastante significativo que livros como os de Conceição Evaristo sejam lidos e disseminados na sociedade, porque nos dá a dimensão da crueldade e dos efeitos nefastos de uma sociedade racista, capitalista e patriarcal, ao mesmo tempo em que enfrenta a invisibilidade histórica, social e cultural da existência e da resistência da população negra no Brasil. Dessa maneira, é imprescindível que mulheres negras sejam impulsionadas a escrever e que tantas outras mulheres cujas histórias foram olvidadas, possam ter suas memórias visibilizadas como forma de enfretamento aos silenciamentos de uma história oficial excludente, opressora e violenta.

No caso particular da literatura, a invisibilização dos textos escritos por mulheres negras e, conseqüentemente, de suas experiências, suas pautas e seus modos de sentir e desejar, foi manipulada por uma pretensa epistemologia brancocêntrica e patriarcal abrigada pelo cânone. Como se sabe, escrever e ler literatura são uma maneira de estar no mundo e pensar criticamente acerca das nossas vivências e dos nossos pertencimentos. É também a ponte para conhecer e dividir com o outro as diversas e diferentes formas de constituir-se como sujeito, de compartilhar subjetividades plurais. Nesse sentido, à medida que a autoria e a escrita sobre mulheres negras são postas em circulação, uma série de narrativas contra-hegemônicas são constituídas, o que possibilita ao mundo a abertura para o

conhecimento de uma paisagem outra, ou seja, de um lugar constituído pelas escriturivências negras rechaçadas ao longo da história do Brasil e da historiografia literária. Portanto, podemos dizer que a escrita de mulheres negras, como Conceição Evaristo, é um ato de resiliência no campo das representações e das representatividades de produção do simbólico no corpo social.

Nessa direção, o conto “Quantos filhos Natalina teve?” se apresenta como um lugar de visibilidade das vivências dos corpos femininos negros no contexto brasileiro. A narratividade e a linguagem discursiva desse conto é uma estratégia de narrar desde dentro, ou seja, a partir das experiências sociais de um corpo subalternizado, como o é o corpo feminino negro, mas também de um corpo que se empodera e subverte as expectativas a ele costumeiramente atribuídas.

A história do conto gira em torno do corpo de Natalina, que, para além de sua condição de mulher negra, tende a lidar com questões da maternidade precoce e indesejada em um contexto precário e de empobrecimento. A estrutura narrativa é tecida no deslocamento temporal entre presente e passado, via memória, e o fio condutor é repleto de lapsos memorialísticos ligados a sentimentos de angústias passadas que se manifestam no presente do exercício da subjetividade.

A partir do corpo-escritura de Natalina, Conceição Evaristo explora a temática da maternidade e da sexualidade. Pela ótica da crítica feminista, percebe-se que o conto dá a conhecer cenários de relações de poder e dominação frente a este corpo marginalizado. O texto narra a vida de uma adolescente de quatorze anos que, no início de sua vida sexual, engravida e busca o aborto a partir da ingestão de chás caseiros: “Natalina sabia de certos

chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não” (2015, p. 44). Após vários dias tomando chás, a menina não consegue o aborto e acaba por compartilhar com a mãe seu desespero. Ao propor à filha uma visita à Sá Praxedes -a velha parteira e aborteira do morro onde moravam - Natalina decide fugir, isto porque, no imaginário da menina, ainda eram presentes as histórias fictícias que circulavam sobre o fato da parteira ser uma “comedora de crianças”:

Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para crianças que iam chamar a velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam. comia criança! Natalina sabia disso. Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles. (Evaristo, 2015, 45).

A gravidez indesejada de Natalina nos impõe reflexões acerca da necessidade da educação sexual para meninos e meninas, sobretudo dos corpos negros femininos, sempre vistos como objetos sexuais, carregados de erotismo e sexualidade. No caso particular da adolescência é fundamental que instituições como a escola, a família, instituições médicas, entre outras, dialoguem sobre a puberdade, as mudanças físicas e emocionais que ocorrem nesse período, sobre a saúde da mulher e a prevenção de uma gravidez indesejada.

Sueli Carneiro reforça essa questão quando afirma que as mulheres negras fazem

[...] parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários da rede pública, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países, que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde. (Carneiro, 2019, p. 314, 315).

Em relação à sexualidade, a menina Natalina, aos quatorze anos, “descobre que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria.” (2015, p. 45). As desinformações sobre seu próprio corpo somadas aos desejos e impulsos naturais resultaram em um ato de imprudência ao manter relações sexuais sem os mínimos cuidados. A sexualidade feminina ainda está repleta de convenções culturais e sociais às quais deslegitimam o seu direito ao autoconhecimento, ao prazer e às práticas do cuidado de si. Ao longo da história, a sexualidade feminina sempre foi reprimida, fato que levou e ainda leva muitas mulheres a não conhecerem seu próprio corpo, seus desejos e questões de saúde.

A vida sexual das mulheres foi construída com base em padrões morais, éticos e comportamentais oriundos do patriarcado cujo objetivo era e, ainda é, educar as mulheres para o casamento, para a procriação e o viver em família. Como forma de enfrentar essas práticas políticas de regulação de gênero, as lutas feministas têm entre suas pautas, a busca pelo fortalecimento e o conhecimento das mulheres em relação aos seus corpos, a liberdade sexual, a promoção à saúde e a quebra de tabus relacionados ao silenciamento

sobre esses temas. Todas estas questões são problematizadas por Evaristo conceição na feitura do conto. Incapaz de cuidar de seu recém-nascido em razão das dificuldades socioeconômicas e emocionais, a jovem Natalina, após o parto, entrega seu primeiro filho a uma enfermeira, “saiu leve e vazia do hospital! Era como se ela tivesse ganhado uma boneca que não desejasse e cedesse para alguém que quisesse” (2015, p. 46). Sozinha, Natalina busca reconstruir sua vida, uma vida marcada por empobrecimento, medo, vergonha, inseguranças, discriminação, violências. Neste sentido, podemos resgatar o conceito de interseccionalidade para pensarmos os diversos vetores sociais, culturais e políticos que atravessam este corpo de modo a inseri-lo em múltiplas, concomitantes e heterogêneas subordinações. Racismo, sexismo e empobrecimento são diferentes formas de opressão que interagem e se sobrepõem na vida de Natalina, criando experiências únicas de marginalização para ela.

A partir dessa experiência e com o passar do tempo, Natalina adquire maiores instruções de cuidados e “chás milagrosos” para exercer seus prazeres e utilizá-los em urgências convenientes a si mesma. Contudo, uma segunda gravidez indesejada ocorreu e ela se recusou a consolidar o relacionamento com o namorado Tonho em virtude das cobranças em torno dos papéis sociais e padronizadas de “ser mãe” e “ser esposa”, impostas pela dominação masculina, e requeridas pelo então companheiro, Natalina “[...] não queria família alguma. Não queria filho” (p. 46).

Sua terceira gestação é oriunda de um cenário bastante diverso dos anteriores. Pressionada, Natalina acaba por aceitar um acordo proposto pelo casal de patrões da casa na qual trabalhava: “a mulher queria um filho e

não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão” (2015, p. 47). Como forma de sobrevivência, Natalina engravida do patrão, conforme pretendia o acordo. Ela se sentia em dívida com o casal pelo tratamento e pela confiança que depositavam nela e, por esta razão, acreditava que deveria ceder a vontade dos dois. Neste cenário de assédio moral a “encomenda” é gerada e, após o nascimento, entrega a criança e abandona o emprego. Todas essas experiências conectam a maternidade da personagem à dor e à solidão que se assemelham à vida real de muitas mulheres negras e periféricas que são exploradas por suas condições de raça, classe e gênero. O assédio sofrido por Natalina, por exemplo, remete aos inúmeros estupros praticados contra os corpos negros desde o período de escravidão no Brasil. A configuração do trabalho das empregadas domésticas, sobretudo das mulheres negras, acaba replicando a história da escravidão, com abusos de autoridade, salários baixos, não regulamentação e assédio sexual por parte dos patrões (Stoll, 2019, p.04).

Na quarta gestação, Natalina deseja ter o filho, pois “não lhe deixava em dívida com pessoa alguma” (2015, p.48). A criança que ela desejou preservar foi fruto de um abuso sexual. A coragem em matar o seu agressor trouxe a ela a vontade de maternar sozinha, sem nenhum outro elo que não fosse entre a criança e a mãe: “Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não” (Evaristo 2015, p. 41). Natalina “[...] estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma” (Evaristo, 2015, p. 50).

Ainda que repleta de medo e inseguranças, a personagem segue sua vida e, aos poucos, como uma potência em ascensão, vai se constituindo como uma mulher independente, mãe, proprietária de sua liberdade sexual, que se empodera frente ao seu corpo. Apesar de viver momentos de vulnerabilidade, encontra formas de se reafirmar sem a necessidade da presença de uma figura masculina: “Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma” (2015, p. 50). O marcador discursivo expresso na palavra “só” evidencia o anseio pela liberdade de não ter amarras conjugais, na satisfação de se encontrar em sua individualidade, como mãe solo cuja história representa a vida de muitas outras mulheres negras que vivem o abandono, a dor, à solidão, o abuso sexual, o perigo da morte, mas que se erguem e se tornam protagonistas das suas próprias narrativas. Dessa maneira, a maternidade e a sexualidade da personagem são apresentadas de forma complexa, entrelaçada com as realidades de sua condição social e racial.

O conto, portanto, expressa a capacidade de resiliência de Natalina, indicando uma fresta, uma saída, uma esperança, uma possibilidade de (re)nascimento para as mulheres negras periféricas, como o prefixo “natal” que compõe o nome da protagonista. Em consonância com a discussão, a segunda escrita analisada é o poema “Negra Nua Crua”, retirado do Livro *Colmeia, poemas reunidos*, de Mel Duarte. A jovem escritora é feminista, poeta, slammer, produtora cultural e traz em sua autoria a ressignificação e a condição da mulher negra nas diversas esferas em que ocupa. Sua produção poética traz a marca da oralidade e promove uma representação ancestral, compondo, desse modo, um eu-lírico político:

Eu não preciso tirar a roupa para mostrar que sou
atraente,
Minha postura e ideia é que fazem atrair tanta
gente.

Da minha boca disparam palavras,
verdades, viveres
e, através dela, trago coisas que fazem fluir a
mente...

Também ingiro dores é fato, mas só quem sabe
sente
e, para amenizar, solto sentenças contundentes.
Não me distraio com comentários hipócritas só
porque não uso pente,
minha avó já dizia: Respeito te faz manter os
dentes!

A carta de alforria há tempos foi assinada,
Mas ainda vejo o negro como obra de mão barata,
a mulher negra sendo chamada de mulata
e minha fé a todo tempo sendo testada.

Eu exijo respeito, novo velho senhor de engenho,
Ser considerada “a carne mais barata do mercado”,
EU NÃO ACEITO!

Trago calos em minhas mãos sim, pelo trabalho
que desempenho

e, enquanto a caneta for minha enxada não me
faltará alimento.

Minhas curvas mais bonitas
desfilam através de devaneios
e minha fala hoje é bruta pra fincar dentro do
peito.

Sou poeta e das rimas faço meu sustento.

Me apresento:

- Mel

Negra, nua, crua de sentimento.

(Duarte, p. 32, 2021)

Como se vê nos versos acima, Mel Duarte explora em sua escrita a emancipação da mulher negra para além dos estereótipos impostos a este corpo, sobretudo em relação à sexualidade. O poema reafirma a voz de quem trava lutas diárias diante da condição do ser feminino. Logo no primeiro verso enuncia: “Eu não preciso tirar a roupa para mostrar que sou atraente, Minha postura e ideia é que fazem atrair tanta gente”. Estes trechos do poema contestam o discurso patriarcal estruturado na sociedade e, consequentemente, na literatura canônica cuja história, por muito tempo, reproduziu a objetificação da mulher negra na ótica machista e, sobretudo, racista.

A poeta performa em suas palavras o que Judith Butler (2017) teorizou em seus estudos, ao verbalizar que seu corpo não é apenas definido a partir de seu gênero e os papéis sociais a ele atribuídos. Quando ela se posiciona, não está apenas expressando sua identidade, a temática de sua poesia transgride as normas estabelecidas socialmente. Neste sentido, a interseccionalidade de raça e gênero atravessa esse corpo, que não pode ser analisados de modo isolado, fora de suas relações entrecruzadas.

Quando a autora intitula seu poema “Negra, Nua e Crua”, já proporciona uma apresentação do que vem adiante: sua negritude aliada ao ser mulher enquanto ato de resistência contra as conjunturas sexistas e racistas que tentam definir sexualidades e formas de pensar sobre os corpos femininos pretos.

O ativismo e a ancestralidade se fazem presentes na segunda estrofe: “Também ingiro dores é fato, mas só quem sabe sente [...] minha avó já dizia: Respeito te faz manter os dentes!”. No sexto verso ela se refere a situações de discriminação racial e o sentimento de dor somado a revolta. Com isso, cabe enfatizar a

dororidade, termo criado por Vilma Piedade (2017), que vai além da sororidade. De acordo com Piedade (2017), o termo dororidade é adotado para dar visibilidade às lutas coletivas das mulheres pretas porque sororidade parece não dar conta da pretitude. Apesar de novo, o conceito, como afirma a autora, [...] carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (Piedade, 2017, p. 13). Todas as dores das mulheres negras expressas no poema de Mel Duarte representam o cruzamento de opressões e violências instauradas pela interseccionalidade de raça, gênero e classe.

Na terceira estrofe, aparece a palavra “mulata”, que merece um enfoque especial em virtude de sua etimologia. É importante situar que a erotização dos corpos de mulheres negras e a banalização do seu intelecto como objetos meramente sexuais são advindos de herança colonial com finalidade de inferiorizar se perpetua na mídia televisiva, entre outras mídias digitais, com as idealizações carnavalescas, por exemplo. O eu-lírico, ao mencionar períodos da história do Brasil, diz: “A carta de alforria há tempos foi assinada/Mas ainda vejo o negro como obra de mão barata/a mulher negra sendo chamada de mulata”. Trata-se, portanto de versos expressivos da indignação e da revolta com o racismo instaurado cujos mecanismos operaram desigualdades raciais e propagam estereótipos. As estrofes seguintes reforçam o lugar de combate. Soma-se aos versos de revolta outros versos de embate: Ser considerada “a carne mais barata do/mercado”, EU NÃO ACEITO. Os versos seguintes revelam uma voz potente que faz do corpo lugar de descobrimento, reconhecimento, amor próprio e luta: “Minhas curvas mais bonitas/desfilam através de devaneios/ e

minha fala hoje é bruta pra fincar dentro do peito”. Estes versos representam palavras de ressignificação para quem, de forma histórica, teve seu corpo desvalorizado pelos padrões sociais. Ao final a voz lírica reforça que não mais aceitará ser narrada pelo outro. Ela tem na escrita o poder de falar de si e para si, abordando os desafios de sua negritude e os seus desejos mais ínfimos: “Sou poeta e das rimas faço meu sustento/Me apresento:/- Mel/ Negra, nua, crua de sentimento”. Desde o período colonial as mulheres negras vêm sendo representadas na literatura canônica de forma estereotipada, com imagens e corporeidades marcadas pelo discurso brancocêntrico, racista e patriarcal. Um discurso desumano, de sujeição e desvalorização de toda a complexidade do que é ser mulher negra. Contudo, escritas revolucionárias como as de Evaristo Conceição e Mel Duarte reescreverem suas próprias histórias e de seus ancestrais no enlaçamento de uma linguagem estética e política.

Os textos literários aqui apresentados demonstram que a literatura afro-brasileira rompe com as construções imagéticas desses corpos violados ao propor mais do que denúncias, a problemática de naturalizar a objetificação, o estupro e o genocídio para com esses sujeitos subalternizados. Ademais, visa enaltecer as potências culturais e sociais nas suas diversas realidades, promovendo, assim, o empoderamento do corpo feminino negro e a ruptura de um círculo vicioso de racismo introjetado na literatura e sobre as epistemologias negras.

Nesta ótica, o conceito “empoderar” é o ato político cujo núcleo ideológico expressa uma determinada perspectiva sociocultural; aqui ele se efetiva nas narrativas de escritivências. Angela Davis argumenta acerca da importância da coletividade para a

comunidade negra como parte desse processo de descolonização e valorização, nas palavras da ativista:

O conceito de empoderamento não é novo para as mulheres afro-americanas. Por quase um século, temos nos organizado em grupos voltados a desenvolver coletivamente estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e para nossa comunidade. Ao longo da última década do século XIX, após serem repetidamente rechaçadas pelo racialmente homogêneo movimento pelos direitos das mulheres, as mulheres negras formaram seu próprio movimento associativo (Davis, 2017, p.15).

Conceição Evaristo e Mel Duarte estabelecem um diálogo com o rompimento do silêncio para o empoderamento de vozes usurpadas desde a forçada diáspora africana, potencializando identidades plurais e releituras de narrativas que (re)existem no enfrentamento do sexismo e do racismo estrutural.

4. Considerações finais

Pensando nas pessoas negras, que vieram de além do mar, sabemos que a luta nunca está dissociada da ancestralidade, com seus conhecimentos e sabedoria. Há mais de quinhentos anos que o ocidente tem conhecido outras formas de resistir. As pessoas negras criaram quilombos e queimaram engenhos. Todo o sistema escravagista foi ameaçado e instrumentalizou-se o ócio contra a produtividade do sistema colonial imposto. Nunca se furtou, na história da população negra, ao bom combate, houve resistências frente ao racismo que é institucional,

estrutural e epistêmico. Construiu-se tecnologias para o enfrentamento e hoje, luta-se de muitas outras formas, por meio da literatura, da escrevivência e da oralidade, por exemplo. A imagem da mulher negra na literatura foi furtada de seu papel político enquanto sujeito mobilizador; Audre Lorde (2019) argumenta que enquanto o feminismo estiver “dividido por causa de nossas identidades particulares, não temos como estar juntos em ações políticas efetivas” para a equidade.

Nas análises do conto e do poema, consideramos que a materialidade do discurso se constitui na escrita estratégica de ouvir e dar visibilidade à voz de quem foi silenciada, marginalizada e violentada. As mulheres negras não precisam pedir licença para registrar suas escrevivências, suas potências: mulheres negras, brancas, idosas, jovens, lésbicas, bissexuais, transexuais e heterossexuais, juntas ressignificamos novos caminhos para a nossa sobrevivência, de mãos dadas nas encruzilhadas da identidade.

A análise do *corpus* “Quantos filhos Natalina teve?” e “Negra nua crua” aponta para a liberdade sexual e de um empoderamento indissociável do ato político de transgressão ao patriarcado. A literatura de Conceição Evaristo e Mel Duarte decolonizam e suleam toda situação de assujeitamento estabelecido aos corpos de mulheres negras.

Referências

- AKOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13ªed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a*

partir de uma perspectiva de gênero. In: *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. Boitempo Editorial, 2017.

DUARTE, Mel. *Colmeia, poemas reunidos*. Rio de Janeiro - Casa Philos, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos. Antônio. (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In.: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

PIEDEDE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

STOLL, Daniela Schrickte. Três formas de segregação urbana e racial em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 58, p. 01-11, 2019.